

Debaixo d'água: o Quilombo “Mata Cavallo” mergulha no imaginário de Bachelard

Under water: Quilombo “Mata Cavallo” Quilombo dives into the imaginary of Bachelard

Bajo el agua: el Quilombo “Mata Cavallo” se zambulle em el imaginario de Bachelard

Thiago Cury Luiz - Universidade Federal de Mato Grosso | Doutorando da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) | Cuiabá | MT | Brasil. E-mail: thcluiz@gmail.com | 

Michèle Sato - Universidade Federal de Mato Grosso | Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte | Cuiabá | MT | Brasil. E-mail: michelesato@gmail.com | 

Resumo: Este artigo é fruto das investigações que o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (Gpea) realizou junto à comunidade quilombola Mata Cavallo. Tendo como metodologia a fenomenologia de Gaston Bachelard, propusemo-nos à realização de uma cartografia do imaginário de Michèle Sato, que desse conta do imaginário quilombola sobre o elemento “água”. A “cartografia da água” reuniu estudantes, professoras(es) e moradoras(es) da comunidade, no intuito de entendermos qual o pensamento das(os) participantes sobre a substância tão importante à vida. Por meio de dinâmicas de grupo, identificamos que a água, para os quilombolas, tem valor inestimável, uma vez que apresenta distribuição desigual ao longo da comunidade, além da sua escassez, especialmente no período de seca.

Palavras-chave: Gaston Bachelard. Água. Justiça climática. Quilombo Mata Cavallo.

Abstract: This article is a result of studies of Environmental Education, Communication and Art Researcher Group (Gpea) focusing the attention to the Mata Cavallo’s “quilombo” (descendant of enslaved people). The study’s methodology is steered by the phenomenology of Gaston Bachelard, specifically oriented by a cartography of imaginary of Michèle Sato. In this paper, from the four elements, we have considered the imaginary related to the water. The “cartography of water” brought together students, teachers and inhabitants from community to understand the awareness about the element so important to life. As a group dynamic, we identified the water is priceless, once it has uneven distribution in the community, besides its scarcity especially in drought, in period between April and October.

Keywords: Gaston Bachelard. Water. Climate Justice. Quilombo Mata Cavallo.

Resumen: Este artículo es fruto de las investigaciones que el Grupo Investigador en Educación Ambiental, Comunicación y Arte (Gpea) de la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT) realiza junto a la comunidad quilombola Mata Cavalo. Con la metodología de la fenomenología de Gastón Bachelard, nos propusimos a la realización de una cartografía del imaginario de Michèle Sato, que diera cuenta del imaginario quilombola sobre el elemento "agua". La "cartografía del agua", entonces, reunió a investigadores del Gpea, además de estudiantes, profesoras y residentes de la comunidad, con el fin de entender el pensamiento de los participantes sobre la sustancia tan importante a la vida. Por medio de dinámicas de grupo, actividades de comunicación (carteles) permitieron a la investigación los resultados necesarios. En suma, identificamos que el agua, para los quilombolas, tiene valor inestimable, ya que presenta distribución desigual a lo largo de la comunidad, además de su escasez, especialmente en el período de sequía.

Palabras clave: Gaston Bachelard. Água. Justiça Climática. Quilombo Mata Cavalo.

Primeiras imersões

[...] O rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira [...] (ROSA, 1994, p. 1).

O cenário que se enseja é o de catástrofes climáticas ao redor do mundo. Calor e frio, chuva e sol se alternando em um curto espaço de tempo, demonstrando que as mudanças no clima têm feito vítima em diversas regiões do planeta. Porém, essas alterações não afetarão de igual modo os grupos economicamente distintos: as populações em situação de vulnerabilidade irão sofrer mais fortemente as consequências, em um fenômeno denominado "justiça climática" (RAMMÈ, 2012).

No cenário atual de mudanças do clima e na esteira do conceito de justiça climática, é possível que nada nos chame tanto a atenção, pelo viés negativo, do que as interferências prejudiciais na natureza que afetam a água. Escassez, poluição e desperdício da substância vital são os sinais de alerta para uma reconfiguração no modo como nos relacionamos com o meio ambiente.

Tendo esse contexto como ponto de partida, esta pesquisa, desenvolvida pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (Gpea), integra a Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática (Reaja), que recebe fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat).

Ao mergulharmos na fenomenologia de Gaston Bachelard (1997) e nadarmos na cartografia do imaginário (SATO, 2011), buscamos compreender como as mudanças climáticas têm se manifestado em uma comunidade quilombola. Para tanto, Mata Cavalo foi o agrupamento escolhido para que, juntamente a estudantes, professoras(es) e moradoras(es), pudéssemos desvendar o imaginário dos participantes sobre a água.

Durante quatro horas, propusemos a apresentação dos principais conceitos bachelardianos referentes à água e depois, contando com a turma dividida, cada grupo respondeu a oito questões propostas pela cartografia:

- 1) Por que a água é importante?;
- 2) Quais problemas podem ser causados pela água?;
- 3) Quais os pontos positivos e negativos relacionados à água?;
- 4) O que faço para preservar a água?;

- 5) O que eu poderia fazer?
- 6) Quais elementos da história e cultura de Mata Cavalo podem ser relacionados à água?;
- 7) O rio que corta a comunidade é importante para...?;
- 8) O que causa o sofrimento do rio?. As respostas foram escritas em cartazes e apresentadas e discutidas em fórum geral com os demais participantes.

Desbravando o mundo submerso

Que a filosofia bachelardiana nos convida a navegar por mares revoltos, disso ninguém duvida. O pensamento anacrônico e caótico do pensador francês na sua faceta noturna está em voga nos devaneios do autor sobre o elemento ‘água’. Gaston Bachelard (1997) delira acerca de matérias e formas ao apropriar-se da arte, em especial os poemas. Ao divagar, geram-se imagens formuladas a partir da substância considerada fundamental à vida. Ou seja, o elemento em si não existe – e nem poderia –, de modo que, como afirmou Schopenhauer (2005), o mundo nada mais é do que vontade e representação.

A água executa diversos papéis na natureza – e entendemos aqui o ser humano como parte dela: hidrata corpos, refresca a temperatura, cozinha alimentos, banha-nos, desabrocha flores e alimentos no campo, serve de habitat a peixes, anfíbios, répteis e mamíferos. Tão importante para o funcionamento de tudo, que a vida extraterrestre é sempre ponderada pela existência ou não de água fora daqui. Mas o que nos mobiliza agora são as águas daqui e as belezas e durezas que implicam.

Para além da sua utilidade positivista, a água é um símbolo sagrado, muitas vezes como origem da vida ou suas celebrações. Há, então, uma cosmologia poética que busca na água outras significações, além da sua funcionalidade humana.

Assim, Bachelard (1997) propõe a água em seu sentido metafórico. Como o pensador francês pondera uma reflexão sobre os caminhos que o pensamento percorre na busca pelo conhecimento, lança mão do elemento fundamental à vida para expor o que compreende por epistemologia. E as aparências e movimentos da água são figuras que, no seu entendimento, ilustram o ir e vir cognitivo.

Para entendermos as pontes possíveis entre o termo “água” e duas metáforas pertinentes, Bachelard inicia a reflexão pelo imaginário, uma vez que ele estabelece diversas conexões. Aquilo que ele chama de *forças imaginantes* exerce dois tipos de busca: à novidade e ao eterno.

O dualismo, recurso constante na filosofia bachelardiana, também evoca as distinções e semelhanças entre forma e matéria, tendo como pressuposto de que ora uma, ora outra ocupará posição de dominadora.

O reflexo da água, o que podemos denominar de espelho, produz imagens inconclusas, porque, assim como a realidade em si, depende dos olhos de quem vê, bem como das dimensões do reflexo. O fato é que ele jamais consegue dar conta das ocorrências à nossa volta, assim como nós também não, e por isso ela está sempre sendo ressignificada, continuada – de novo, aqui, a concepção de movimento, devir.

A filosofia pré-socrática é caracterizada pelas abordagens mitológicas muito próximas à natureza, razão pela qual também é conhecida como cosmológica. Heráclito (535-475 a.C. apud CHAUI, 1997, p. 110), um de seus expoentes, tem frase célebre sobre a água e sua ambivalência 'vida e morte': "Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque as águas nunca são as mesmas e nós nunca somos os mesmos". O correr sem parar do rio é uma extensão das intermitências da vida e sua habilidade em reabilitar-se de outras formas.

A água pura está tão cravada no imaginário, que algumas culturas compreendem o banho como purificação. Diferentemente de nós, que o utilizamos com finalidade higiênica, os Cafres¹ introduzem seus corpos na água partindo do princípio de que a imersão da carne é imprescindível para limpar a alma. O banho, neste caso, serve como higiene metafísica. O batismo, na tradição cristã, pode ser enquadrado na mesma categoria.

No mundo dos sonhos, a conjugação de situações sem sentido é corriqueira. Pessoas que nunca vimos, nomes que em momento algum pronunciamos, lugares onde jamais estivemos figuram nos devaneios noturnos, numa possibilidade de Platão estar certo: antes de encarnar, a alma viaja pelo mundo das reminiscências, de modo que, quando conhecemos algo, apenas lembramos do que outrora a nossa dimensão metafísica já vivera.

Profundezas e superfícies de Mata Cavalo: o nado quilombola

Ao tricotar o conhecimento teórico a uma intervenção de ordem prática, usamos como método a filosofia bachelardiana. Evidentemente, as reflexões do pensador francês transcendem a acepção do texto e nos permitem criar analogias para trabalharmos no âmbito das metáforas.

¹ Agrupamento localizado na região sul do continente africano, era segregado por não ser muçulmano, durante o período de colonização europeia. Hoje, a etnia que mais se aproxima dos Cafres é a dos Xhosa.

Seguindo os pressupostos da educação popular de Paulo Freire (2013; 2014), na qual educadores e educandos não interagem sob o regime de hierarquia, optamos pelo desenvolvimento de uma oficina. Ela permite a exposição teórica de um determinado tema – neste caso, a água sob a concepção bachelardiana – e a proposta de uma dinâmica que faça dos participantes sujeitos ativos na ciranda do conhecimento, ao dar vida, no mundo dos moradores e professores do quilombo, aos devaneios do filósofo francês.

Sendo assim, impõe-se que tenhamos uma clara e lúcida compreensão de nossa ação, que envolve uma teoria, quer o saibamos ou não. Impõe-se que, em lugar da simples *doxa* em torno da ação que desenvolvemos, alcancemos o *logos* de nossa ação. Isso é tarefa específica da reflexão filosófica. Cabe a esta reflexão incidir sobre a ação e desvelá-la em seus objetivos, em seus meios, em sua eficiência.

[...] E, se a teoria e a prática são algo indicotomizável, a reflexão sobre a ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou a prática) não é verdadeira.

A prática, por sua vez, ganha uma significação nova ao ser iluminada por uma teoria da qual o sujeito que atua se apropria lucidamente (FREIRE, 2013, p. 47).

Neste caso, quem participa do processo formativo instaura o seu imaginário sobre o que quer que seja, não havendo a pretensão de quem propõe a formação generalizar o resultado obtido: vale para aquele tempo e àquele espaço. É como se a vida, a cada instante, permitisse uma interpretação original daquilo que testemunhamos, preservando uma dada fidelidade entre o fenômeno e o significado que lhe fora atribuído. Pudera! Como a pretensão de congelar o mundo é fantasiosa, uma fagulha de tempo só pretende manter fidelidade consigo mesmo. Nada além, nem aquém.

O acesso que ele [o olhar] nos dá a um segmento de tempo, a síntese que ele efetua são eles mesmos fenômenos temporais, escoam-se e só podem subsistir retomados em um novo ato, ele mesmo temporal. A pretensão à objetividade de cada ato perceptivo é retomada pelo seguinte, outra vez frustrada e novamente retomada. Esse malogro perpétuo da consciência perceptiva era previsível desde o seu começo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 322, grifo do autor)

De modo geral, a oficina se caracterizou da seguinte forma:

- 1) apresentação conceitual da fenomenologia de Gaston Bachelard, no que diz respeito à cartografia do imaginário sobre o elemento “Água” – com desapego a pormenores e divagações que tornassem o encontro monótono;
- 2) exposição de fotos que complementou a explicação teórica e gerou discussões sobre a água;
- 3) trabalho com cartazes que apresentaram o entendimento dos participantes da oficina a respeito da água, seja como recurso natural universal, seja como elemento presente – ou em falta – na comunidade de Mata Cavalo.

Em um primeiro momento, os pontos mais recorrentes no texto de Bachelard serviram para montar as bases do seu pensamento em torno da água. O devir, a morte, as dualidades, os reflexos, as profundezas, enfim, todos os principais conceitos relativos à água – e suas metáforas – apresentados de modo a elucidar algumas questões de caráter mais objetivo ou abstrato, preparando os participantes às atividades práticas.

Um autor consagrado da literatura brasileira, João Cabral de Melo Neto (2007), referência da 3ª fase do Modernismo, também escreveu acerca da ambivalência entre vida e morte na figura de uma família de retirantes nordestinos que, a pé, saem do sertão de Pernambuco para buscar uma vida melhor no litoral, região tida como a mais desenvolvida do Estado. Sem fazer menção a elementos da natureza, *Morte e vida Severina*, publicado em 1955, traz à tona como viver e morrer são elementos que, literalmente, caminham juntos.

Permeando a exposição, usamos fotos para uma compreensão mais ampla da filosofia em estudo. Aqui, mostramos conteúdo fotográfico que nos permitiu debater os problemas e soluções relacionados à água, além de discuti-la sob um aspecto mais metafórico, de relação direta com a nossa própria vida, em movimentos existenciais que fazemos semelhantes aos do líquido.

Lançamos mão de seis fotos, quatro delas remetendo a problemas relacionados à água (atoleiro, tsumami e enchente) e outras duas com aspectos positivos viabilizados pela água: crianças brincando na chuva e irrigação. O intuito foi demonstrar, como proposto por Bachelard, a ambivalência do elemento em discussão.

O ato final da oficina foi de atividade prática. Detentores do conhecimento filosófico e usando os debates como referências, os participantes completaram a ciranda da práxis freireana “teoria/prática/reflexão”. Além de contextualizarem a água sob a conceituação bachelardiana às suas realidades vivenciadas no quilombo, o momento serviu para entender dos participantes quais as suas impressões, qual a mitologia que homens e mulheres de Mata Cavalo concebem a respeito da água, socializando, em ato final, o emaranhado de significados relacionados a ela.

Para tanto, apresentaram cartazes com frases, expressões e termos que responderam a algumas perguntas propostas por nós: Por que a água é importante/para que a utilizamos? Quais os problemas que podem ser causados pela água? As virtudes e os prejuízos acerca da água em Mata Cavalo? O que faço para preservá-la? O que poderia fazer? Que elementos da história de Mata Cavalo, que caracterizam o quilombo, podem ser relacionados à água? O rio que corta a comunidade é importante para...? O que causa o sofrimento do rio?

Os participantes se dividiram em cinco grupos e, durante 40 minutos, produziram cartazes com as respostas, que se manifestaram por palavras-chave e frases. Ao final, cada grupo apresentou a sua produção, conduzindo as discussões do fórum amplo, com dez minutos para a exposição de cada equipe.

Figura 1 - Divididos em grupos, os participantes discutem o imaginário quilombola sobre a água



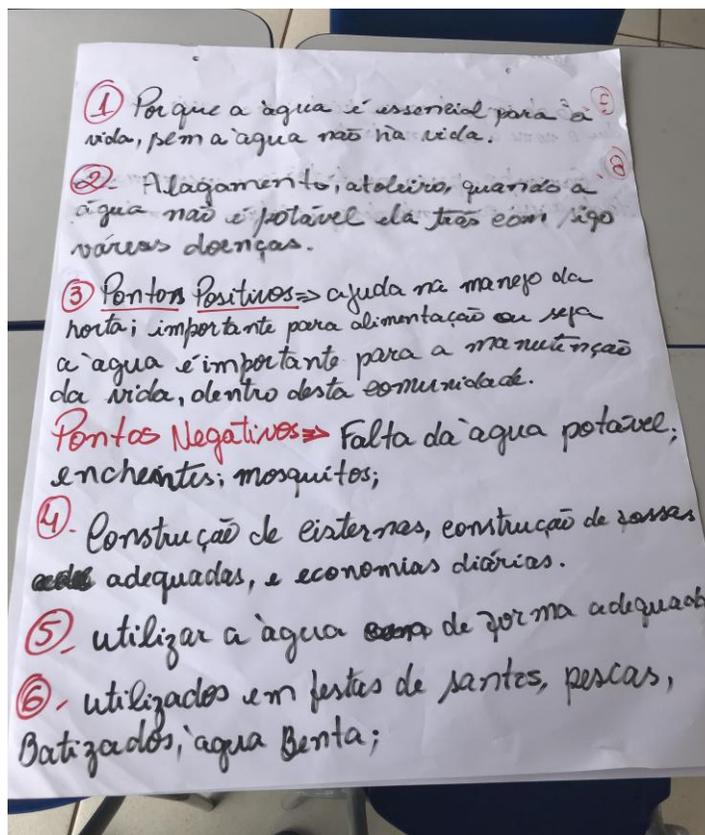
Fonte: Arquivo da autora Michèle Sato

Como resposta à primeira pergunta (Por que a água é importante), os participantes atribuíram à água a ideia de vida e saúde, cancelando o pensamento de que a substância é vista também como fundamental pelos quilombolas. De acordo com Bachelard, a água contém em si dois valores extremos: universalidade e novidade. Quando perguntados sobre a importância, recorrem ao valor universal da vida para definir a água, embora o próprio autor, há que se reconhecer, atribua o caráter de morte. De qualquer modo, as mudanças climáticas em curso afetam o bem natural atrelado à vida.

Na questão 2 (Quais os problemas que podem ser causados pela água), atoleiro, alagamento, doenças, enchente, afogamento, inundação e morte foram as ideias que compuseram o imaginário do quilombo. É importante destacar que, a despeito da pergunta ser genérica, ou seja, não especificar o local, mas os problemas gerais que se relacionam à água independente do espaço, foi possível identificar valores que estão entranhados na comunidade quilombola (as novidades, aquilo que é peculiar ao espaço do quilombo), justamente porque convivem com essas deficiências na vida diária: atoleiro e afogamento. Como na zona rural as estradas são de terra, na época das chuvas (de outubro a março) as vias ficam intrafegáveis.

Quanto ao afogamento, uma das diversões de crianças, jovens e adolescentes é o rio, sinônimo de perigo, principalmente para os adultos que têm filhos. Outro ponto: saltam aos olhos, a partir dos apontamentos feitos pelos participantes, os problemas causados pelas mudanças climáticas (enchente/alagamento/inundação). "Certos psiquismos sobrecarregados exprimem sua infelicidade pelo próprio estilo de suas imagens" (BACHELARD, 2013, p. 86).

Figura 2 – Um dos cartazes com o imaginário sobre a água, destacando, no item 2, os pontos negativos



Fonte: Arquivo do autor Thiago Cury Luiz

Na questão 3 (Pontos positivos acerca da água), as respostas foram: manejo da horta, alimentação, nascentes, poços comunitários, chuvas, renda, hidratação. Como parte da comunidade vive da subsistência ou vende produtos cultivados em suas propriedades, entendemos o valor atribuído às chuvas, que cultivam os campos e geram renda, outro termo mencionado nas respostas. A menção às nascentes feita por mais de um grupo denota a importância que o povo de Mata Cavallo dá aos rios, numa demonstração de imanência com a natureza.

Nesta perspectiva, o filósofo francês mergulha na água enquanto matéria. As profundezas de rios, córregos, lagos e oceanos trazem à tona o caráter íntimo do líquido. Já no que tange à forma, o curso da água denota transição, o devir postulado pela filosofia pré-socrática. De certa forma, temos na água a mesma dinâmica da vida de animais e seres humanos: um dia a mais de morte, um dia a menos de vida, rumo ao ato derradeiro.

A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito (BACHELARD, 1997, p. 7).

O barulho que a água faz ao correr, ao cair e mesmo já em seu estado terminal, quando protagoniza alagamentos que formam os oceanos, é um modo de sonorizar a vida. Para Bachelard (1997), o som da água tem quase uma finalidade pedagógica, posto que induz os seres vivos a produzirem seus sons e não permite que a realidade do mundo repouse em silêncio absoluto. Claridade e frescor são gerados no nosso imaginário quando ouvimos a água. Em contrapartida, a sua psicologia é de silêncio também, de paz: quem nunca torceu para cair uma chuva mansa na hora de dormir?

Eça de Queirós (2014), escritor realista português, insere a água como elemento natural muito caro a um personagem importante da obra denominada *Os Maias*, de 1888. D. Afonso mantinha uma relação quase ritualística, religiosa, com a água. Entre um cuidado e outro com o neto Carlos Eduardo, não poupava elogios à substância elementar.

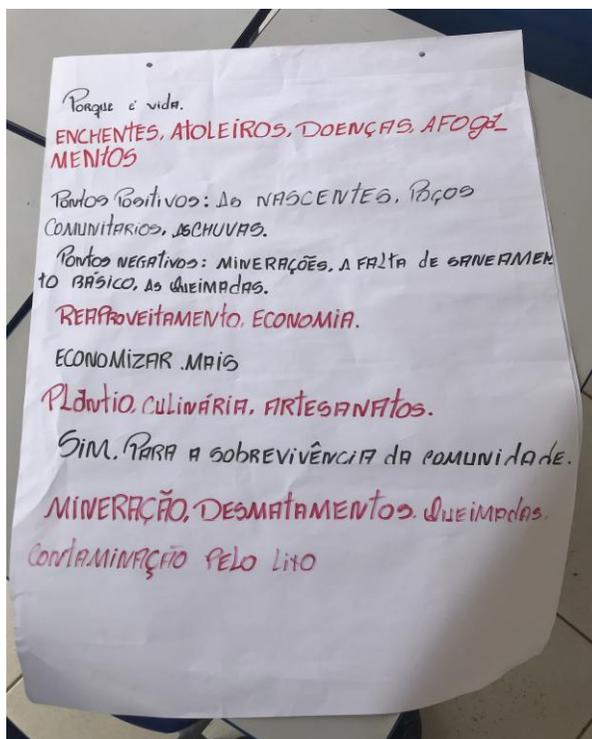
Sempre tivera o amor supersticioso da água; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem – que sabor da água, som da água e vista da água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes... E a esta viva tonificação da água atribuía ele o ter vindo assim, desde o começo do século, sem uma dor e sem uma doença, mantendo a rica tradição de saúde da sua família, duro, resistente aos desgostos e anos – que passavam por ele, tão em vão, como passavam em vã, pelos seus robles de Santa Olávia, anos e vendavais (QUEIRÓS, 2014, p. 23).

Ainda na terceira pergunta, quanto aos aspectos negativos, carência de água potável, mosquitos, mineração, falta de saneamento básico, queimadas, degradação das nascentes, escassez, má distribuição e dificuldade de acesso ao líquido foram as respostas. Destaque para a escassez, mencionada por três dos cinco grupos, denotando que as mudanças no clima prejudicam

o abastecimento de água potável no quilombo. Na outra extremidade, as queimadas, mencionadas por um grupo, também desnudam o problema das alterações climáticas, sendo aquelas resultado da falta de água e da seca prolongada, gerando emissão de CO2 e elevação das temperaturas.

A quarta questão (O que faço para preservar a água) trouxe como respostas a construção de cisternas e fossas adequadas, economia no consumo diário e reaproveitamento. Ao mesmo tempo, como resposta à questão 5 (O que eu poderia fazer?), entendem que podem economizar mais e fazer uso adequado da água, o que pressupõe, em ambos os casos, que há desperdício no quilombo, aprofundando as imposições de um já recrudescido clima. A preservação das nascentes dos rios surge como preocupação, em função, como já mencionamos, da imanência entre quilombola e meio ambiente, tratando-o como uma extensão do próprio corpo. Sensibilidade, conscientização, educação, orientação, humanidade (isto é, falta espírito humano no tratamento da natureza), reutilização da água da chuva, redução de agrotóxicos, evitar fontes assépticas próximas dos rios, não "passar" rede, queimadas, desmatamentos e poluição do meio ambiente são inquietações apontadas pelos participantes da oficina.

Figura 3 – Outro cartaz aponta o reaproveitamento e a economia como formas de preservação

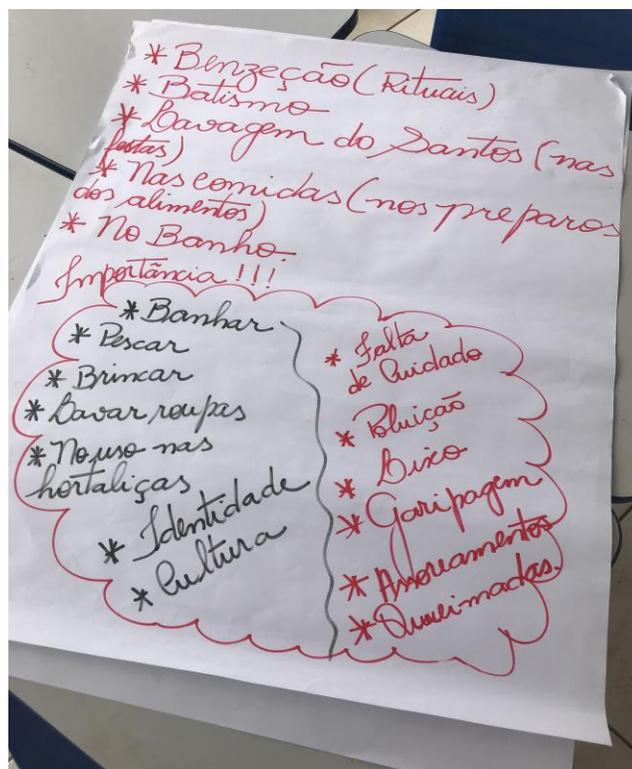


Fonte: Arquivo do autor Thiago Cury Luiz

Se a água sempre ruma a algum lugar, é possível colocá-la em relação análoga ao futuro. Neste caso, a passagem envolvendo o personagem Narciso, aquele que “acha feio o que não é espelho” (VELOSO, 1978), ilustra com propriedade a reflexão do autor. “A contemplação de Narciso está quase fatalmente ligada a uma esperança. Meditando sobre sua beleza, Narciso medita sobre o seu porvir” (BACHELARD, 1997, p. 26). A água, em suma, é capaz de dar uma versão em perspectiva do mundo.

Na sexta pergunta (Quais elementos da história e cultura de Mata Cavalo podem ser relacionados à água), os rituais religiosos (como lavagem de santos, batizados, água benta, benzimento) e culinária foram recorrentes nos grupos. Arquitetura (casas de adobe), plantio e artesanato, embora em pequena escala, figuraram no imaginário quilombola. Por fim, novamente o rio (em função da pesca, da história e de ter dado nome à comunidade) despontou como elemento central no imaginário dos participantes.

Figura 4 – “Batismo” e “lavagem dos santos” são dois traços da cultura quilombola que o grupo relacionou à água



Fonte: Arquivo do autor Thiago Cury Luiz

Se o rio corre sobre a terra, o reflexo da natureza na água não deixa de ser os olhos da terra, como ela enxerga o mundo que está no seu entorno, isto é, uma maneira de avistar o tempo. Como já vimos, nada na água é para sempre, o que significa dizer que o deus Cronos apartou Urano e Gaia². No momento em que terra e céu são dois, é dada a largada para o tempo.

Desde o começo dos tempos, águas e chão se amam / Eles se entram amorosamente / E se fecundam. / Nascem formas rudimentares de seres e de plantas / Filhos dessa fecundação. / Nascem peixes para habitar os rios / E nascem pássaros para habitar as árvores. / Águas ainda ajudam na formação das conchas e dos caranguejos. / As águas são a epifania da Natureza (BARROS, 2004).

A água tem, por capacidade, fazer o caminho inverso. Quando traz para si aquilo que é externo a ela, materializando isso em forma de reflexo, retoma-se a ideia de sexualização. O casamento visual se dá por meio das figuras despidas – animais por natureza, humanos por convenção – que se banham. “A água evoca a nudez *natural*, a nudez que pode conservar uma inocência” (BACHELARD, 1997, p. 36).

Esse casamento também pode se dar a partir de elementos opostos. De individualidades díspares, assim como no mundo dos seres vivos, podem se conceber relações. É nessa vertente que o filme *A forma da água*, dirigido por Guillermo del Toro (2017), discorre a sua narrativa. Duas criaturas, biológica e esteticamente distantes, afeiçoam-se. Na natureza, Bachelard aponta como exemplo a relação do fogo com uma substância líquida inflamável que o viabiliza.

Como já observamos, para a imaginação material todo líquido é uma água. É um princípio fundamental da imaginação material que obriga a pôr na raiz de todas as imagens substanciais um dos elementos primitivos. Esta observação é já justificada visualmente, dinamicamente: para a imaginação, tudo o que *escoa* é água; tudo o que *escoa* participa da natureza da água, diria um filósofo (BACHELARD, 1997, p. 121)

No vínculo íntimo, na ligação necessária entre água e terra (ou substâncias análogas), forma-se a massa, a responsável por dar ao mundo a concretude que a água e o pó, sozinhos, não conseguem. O pântano é a representação disso: água e terra se misturam sem uma lógica, o cenário caótico que fertiliza o devaneio. “Não há devaneio sem ambivalência, não há ambivalência sem devaneio” (BACHELARD, 1997, p. 109).

² Figuras da mitologia grega, caracterizada por situar as divindades na imanência do mundo. Urano (céu) e Gaia (terra), ao estarem colados, geram Cronos (tempo), que só poderia nascer – ou existir – se fizesse de seus pais coisas distintas.

A sétima pergunta (O rio que corta a comunidade é importante para...?) gerou respostas do tipo: sobrevivência da comunidade – manifestada por dois grupos – ilustrando o quão a água, muito em virtude do rio, é importante para o agrupamento. No mais, banho, pesca, diversão, uso de hortaliças, identidade e cultura também integraram os relatos.

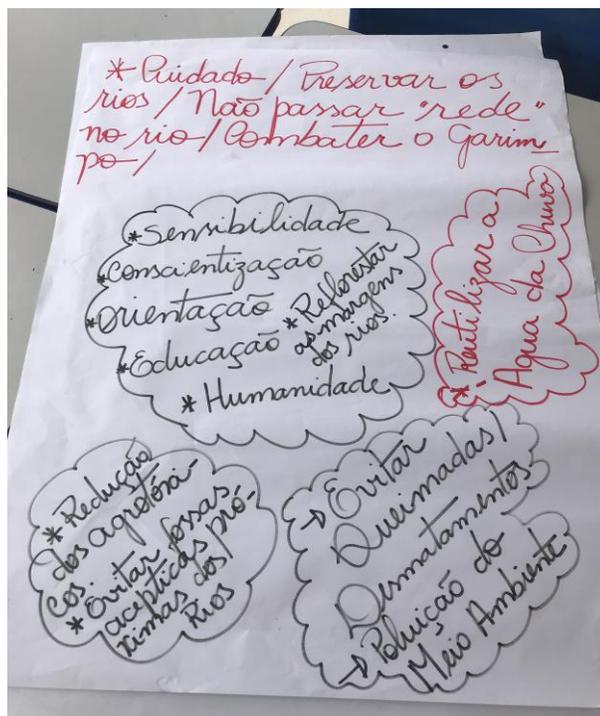
Considerando que Gaston Bachelard (1997) faz uso de poemas e poesias para ilustrar as suas reflexões sobre o imaginário, o pensador não abre mão da analogia à arte para expor as metáforas possíveis a partir do elemento 'água'. Neste caso, ele usa como referência maior o escritor norte-americano Edgar Allan Poe, marcado pelo texto soturno e de menção constante à morte.

Mesmo as mais antigas produções artísticas conseguem mobilizar grande quantidade de pessoas em seu entorno, ainda que muito tempo depois de serem produzidas. Isso ocorre, pois a arte que carrega consigo os seus mais elevados qualificativos é capaz de conter em si elementos comuns da identidade humana. Essa universalidade, além de figurar nas obras artísticas mais cativantes, explicando a sua atemporalidade, também desponta, segundo Bachelard, no mundo da imaginação.

Para um psicólogo que estuda uma faculdade variável, móvel, diversa como a imaginação, é uma grande vantagem encontrar um poeta, um gênio dotado da mais rara das unidades: a *unidade de imaginação*. Edgar Poe é esse poeta, esse gênio. Nele, a unidade de imaginação é às vezes mascarada por construções intelectuais, pelo amor às deduções lógicas, pela pretensão a um pensamento matemático. Por vezes o humor exigido pelos leitores anglo-saxões das revistas díspares cobre e oculta a tonalidade profunda do devaneio criador. Mas tão logo a poesia retoma seus direitos, sua liberdade, sua vida, a imaginação de Edgar Poe recobra sua estranha unidade (BACHELARD, 1997, p. 47).

Por fim, ao serem questionados sobre o que causa o sofrimento do rio, responderam que o garimpo (citado pelos cinco grupos) é o principal vilão, além da pesca predatória, envenenamento da água, desmatamento (mencionado por três grupos), queimadas (duas equipes fizeram referência), assoreamento, lixo (apontado por dois grupos).

Figura 5 – Quando se fala em sofrimento do rio, “agrotóxico” e “fossas” habitam o imaginário quilombola



Fonte: Arquivo do autor Thiago Cury Luiz

Influenciado por Edgar Allan Poe, uma das analogias mais recorrentes que Bachelard (1997) fará é entre água e morte. É como se a vida, que só a água pode propiciar, tivesse como destino natural a morte. E a água, segundo a filosofia bachelardiana, é uma infinita transição entre vida e morte. O reflexo permite às coisas que estão acima e ao redor da água, ganhar vida nova, uma existência dupla que não pode ser rechaçada. O imaginário dialético mostra que “após o cruzamento, o conceito tem uma característica a mais: o peixe voa e nada” (BACHELARD, 1997, p. 54).

A prova de que vida e morte coexistem nas reflexões bachelardianas sobre a água é a menção ao passado. Segundo ele, quanto mais nos dirigimos às profundezas da nossa existência, mais em contato com o nosso passado – e lembranças – entramos. Quando resgatamos acontecimentos pretéritos que presenciamos, fazemos um mergulho na história, de modo que aquela ação presente é indissociável da minha travessia, uma vez que ela exerce influência direta ou imperceptível no modo como executo os meus atos no tempo que corre. Escreve Bachelard (1997, p. 55) que “o passado de nossa alma é uma água profunda”.

Em virtude disso, é menos desafiador lidar com problemas externos, que envolvem outras pessoas, do que com os nossos próprios dilemas, a face desconhecida da nossa existência. Depois de solucionar as pendências de fora,

[...] Só resta ao homem (está equipado?)
A difícilíssima e perigosíssima viagem
De si a si mesmo:
Por o pé no chão
Do seu coração
Experimentar
Colonizar
Civilizar
Humanizar
O homem
Descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria
De con-viver (ANDRADE, 1973, p. 1).

Portanto, se morte e vida são dois lados da mesma moeda presentes na metáfora da água, “a morte é então uma longa e dolorosa história, e não apenas o drama de uma hora fatal” (BACHELARD, 1997, p. 57). Esse óbito – ou tristeza, que é uma faceta da morte para o filósofo – pode ser comparado no mundo da natureza às sombras que recaem sobre a água. Ali, mesmo na vida do líquido corrente, o fim se agiganta. Na vida humana, idem. Assim, é inegável reconhecer na água um caráter melancólico: muitos suicidas, como a escritora Virgínia Woolf, escolhem encontrar-se com a morte no afogamento, talvez porque “a água dissolve mais completamente, ajuda-nos a morrer totalmente” (BACHELARD, 1997, p. 94).

Deixando a água escorrer

Bachelard é, por natureza, um autor dualista. Tal característica fica notória só pelo fato de possuir as facetas diurna e noturna. A obra *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* é repleta de duplicidades, como já foi exposto neste texto. A água, pois, é um caso específico de ambivalência porque concentra em si as possibilidades de vida e morte de maneira concomitante.

Colocando o morto no seio da árvore, confiando a árvore ao seio das águas, duplicam-se de certa forma os poderes maternos, vive-se duplamente esse mito do sepultamento pelo qual se imagina, diz-nos C. G. Jung, que “o morto é devolvido à mãe para ser re-parido”. A morte nas águas será para esse devaneio a mais maternal das mortes. O desejo do homem, diz Jung alhures, “é que as sombrias águas da morte se transformem nas águas da vida, que a morte e seu frio abraço sejam o regaço materno, exatamente como o mar, embora tragando o sol, torna a pari-lo em suas profundidades [...] Nunca a Vida conseguiu acreditar na Morte!” (BACHELARD, 1997, p. 75).

Nas culturas cujas divindades são imanentes, cada ocorrência da natureza é um deus. Portanto, ela é venerada tanto quanto o deus ocidental que transcende o mundo, e talvez por isso seja mais preservado lá do que cá. Na cultura ocidental, alguns grupos tradicionais, como indígenas e quilombolas, mantêm esse tipo de relação mais próxima com as riquezas naturais. Bachelard nos orienta a fomentar o devaneio, porque os sonhos dão vida, humanizam a realidade na medida em que nos incrustam o que é externo ao corpo. É uma forma de não entender ser humano e natureza como instâncias paralelas, independentes e autônomas.

No processo formativo que desenvolvemos em comunhão com a comunidade de Mata Cavalo, o imaginário quilombola sobre a água nos concede algumas pistas acerca das suas angústias e resistências. Segundo os relatos produzidos em cartazes, a água não só é tida como elemento fundamental à vida, mas também à vida no quilombo. Isso nos leva ao entendimento de outras respostas: o rio é elemento central do cotidiano da comunidade, sob vários aspectos: histórico, cultural, religioso, entretenimento, renda, culinária. Por isso, gera preocupações quanto à sua preservação, muito prejudicada em especial pelas atividades de garimpo na região.

Outro ponto a ser considerado, a ocorrência das mudanças climáticas já afeta os quilombolas, e isso é observável a partir de alguns relatos sobre a água: a escassez de água, causada em parte pela seca prolongada, e as inundações que, em um cenário rural, gera atolamentos e dificuldade de deslocamento dentro da comunidade, seja para o trabalho ou à escola. As queimadas, provenientes dessas mudanças, ocasionam igualmente alterações no clima.

Nesse bojo, as mudanças climáticas nos desafiam a buscar justiça entre os diferentes grupos: aqueles que detêm o capital e os melhores recursos para lidar com o que está por vir e as pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade, à mercê de políticas públicas que insinuam, cada vez mais, minguar.

No âmbito da justiça climática, as populações tidas em posição vulnerável, como é o caso de Mata Cavalo, tendem a sofrer mais os prejuízos das alterações no clima. A despeito de Bachelard devaneiar tão lindamente sobre a água, recurso que está na mira das mudanças climáticas, é preciso resistir às ambivalências negativas (água/escassez; água/poluição; água/desperdício) que os dias de hoje têm nos imposto.

A aversão a qualquer intervenção que destrua a vida da água é explicada pelas definições do nosso imaginário sobre o líquido. Além de ser sinônimo de vida, ao menos no único lugar que

se tem notícia de vida, a Terra, é fundamental que exista em abundância e potável. Qualquer constatação que não se compatibilize com a ideia de pureza confronta a principal imagem que temos da água.

Por isso, quando nos deparamos com um rio sujo, com o esgoto sendo desaguado num córrego, com a sujeira deixada pelos banhistas na praia, há uma indignação, como se houvesse a constatação de certa desordem cósmica: a sujeira não é compatível com a água, pois ela, para desenvolver o papel que lhe foi atribuído, precisa ser pura.

Esses impulsos oníricos nos trabalham, para o bem como para o mal; simpatizamos obscuramente com o drama da pureza e da impureza da água. Quem não sente, por exemplo, uma repugnância especial, irracional, inconsciente, direta pelo rio sujo? Pelo rio enxovalhado pelos esgotos e pelas fábricas? Essa grande beleza natural poluída pelos homens provoca rancor (BACHELARD, 1997, p. 143).

Parece-nos evidente que, não de outra maneira, esse deve ser o olhar sobre as vidas que habitam o planeta. A crise generalizada que assola o mundo não é só resultado do desprezo à coletividade humana, mas de negação da natureza como parte preponderante da nossa vida. Sem uma mudança de mentalidade, um outro caminho parece inviável.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O homem; as viagens**. 1973. Disponível em: <https://tspasunb.com/wp-content/uploads/2018/07/O-Homem-as-viagens-Carlos-Drummond-PAS-Terceira-Etapa.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BARROS, Manoel de. **Águas**. 2004. Disponível em: <http://www.douradosnews.com.br/noticias/veja-a-integra-do-poema-aguas-de-manoel-de-barros-91b9bb42e67f510c5129/190586/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

A FORMA da água. Direção de Guillermo del Toro. Estados Unidos: Fox Filmes, 2017. 1 DVD (123 min.).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

RAMMÈ, Rogério S. A política da justiça climática: conjugando riscos, vulnerabilidades e injustiças decorrentes das mudanças climáticas. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, v. 65, jan. 2012.

ROSA, Guimarães. **A terceira margem do rio**. 1994. Disponível em: http://files.obrasdopas.webnode.com/200000026-aea01af98c/Guimaraes%20Rosa%20-%20A_Terceira_Margem_do_Rio.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. *In*: ABÍLIO, Francisco. (org.). **Educação ambiental para o semiárido**. João Pessoa: EdUEPB, 2011. p. 539-569.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Unesp, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tVTHZt0guKIC&oi=fnd&pg=PA19&dq=o+mundo+como+vontade+e+representa%C3%A7%C3%A3o&ots=xE5nHpZSq_&sig=SR_Py7j5AwS77e-C4QpRHAdY1W4#v=onepage&q=o%20mundo%20como%20vontade%20e%20representa%C3%A7%C3%A3o&f=false. Acesso em: 20 mar. 2018.

VELOSO, Caetano. **Sampa**. 1978. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/41670/>. Acesso em: 21 mar. 2018.